**FLUXOS E CONEXÕES NA POESIA DE GILBERTO GIL, NUMA MAGIA “QUE NÃO ACABA MAIS, POR MAIS QUE SE DESEJE”**

Marlton Fontes Mota[[1]](#footnote-1)

Cristiane Magalhães Porto[[2]](#footnote-2)

**Eixo Temático 13: Arte, cultura e tecnologia**

**Resumo:** As transformações promovidas pelos novos fluxos comunicacionais na cibercultura, que deslizam sobre os trilhos luminosos das infovias, despertam a necessidade de reafirmação da essencialidade humana de interagir. Dentro desse contexto, o exercício da liberdade de pensamento requer da sociedade uma maior compreensão sobre o seu papel na construção do conhecimento. E como manifestação elementar dessa produção de saberes, a arte, como parte da experiência cognitiva do sujeito, potencializa e incute a criticidade premente sobre a visão de mundo. Além de atuar como um movimento cultural híbrido e contemporâneo de formação identitária e autônoma dessa sociedade mutante. Sob a perspectiva da arte musicada e atemporal de Gilberto Gil, o texto aborda sobre a contribuição desse poeta para a formação da arte de resistência, tramada na subjetividade das vias digitais. Gil, com suas reflexões poéticas, ultrapassa os limites do tempo e espaço, conduzindo o pensamento humano ao encontro de si mesmo. E por meio da pesquisa bibliográfica, o texto propõe um retrospecto linear do pensamento mutante de Gilberto Gil e a sua contribuição musical para a conexão humana nas últimas cinco décadas.

**Palavras-chave**: Dimensionalidade. Conexão. Cibercultura. Gilberto Gil. Arte musicada.

**Abstract**

The transformations promoted by the new communication flows in cyberculture, which slide on the luminous rails of the infovias, awaken the need to reaffirm the human essentiality of interacting. Within this context, the exercise of freedom of thought requires a greater understanding of society's role in the construction of knowledge. And as an elementary manifestation of this production of knowledge, art, as part of the cognitive experience of the subject, enhances and instills criticality about the worldview. In addition to acting as a hybrid and contemporary cultural movement of identity formation and autonomous of this mutant society. From the perspective of the Gilberto Gil music and timeless art, the text deals with the contribution of this poet to the formation of the art of resistance, woven into the subjectivity of the digital pathways. Gil, with his poetic reflections, goes beyond the limits of time and space, leading human thought to encounter himself. And through bibliographical research, the text proposes a linear retrospect of the mutant thought of Gilberto Gil and his musical contribution to the human connection in the last five decades.

**Keywords**: Dimensionality. Connection. Cyberculture. Gilberto Gil. Music Art.

**Introdução**

Quando Gilberto Passos Gil Moreira, ou simplesmente, Gilberto Gil, cantor, compositor e homem político, realizou a primeira transmissão ao vivo de uma música pela internet, no Brasil de 1996, elevou a arte e a música ao patamar do infindável, nos caminhos das infovias, nunca dantes navegados. Ao propor esse projeto inovador, Gil profetizou o início de uma jornada musical interativa que, alteraria a visão de arte, numa (re)configuração do mercado da música. Isso, além de convergir a tecnologia digital insurgente com a cultura híbrida que envolvia os meios de comunicação, à época, o poeta transcendeu a linguagem em conhecimento. Gilberto Gil rompeu os limites territoriais da revolução musical. Revolução iniciada nos anos de 1960, com o movimento Tropicália. Poeta, usuário da Rede, ativista da inclusão digital, Gil, na sua música, empunha as formas mais enraizadas e inteligentes do exercício da liberdade de pensamento, potencializadas na expressão do seu poder criativo. Na poesia vidente do compositor, a Cibercultura foi desvelada e as suas infovias foram devassadas pelo raio fulgurante dos seus versos libertos, pois, já cantara “meu caminho pelo mundo, eu mesmo traço” há quase 50 anos, em “Aquele Abraço” (GILBERTO GIL, 2017).

A cultural digital foi ponte para o atemporal Gilberto Gil, que desde “Cérebro Eletrônico”, de 1960 (GILBERTO GIL, 2017), despertava suas canções para a “cibernética”, e para além dos roteiros de ficção científica, antevendo uma sintonia entre dois elementos distintos e (ainda) não interativos: o homem e a máquina. Numa conjugação de realidade e fantasia, a arte de Gil povoava o espaço desterritorializado do pensamento, articulando conhecimento e tecnologia. Quando pensou “Lunik 9”, de 1967, Gil tornou fato que o homem conquistou mundos, nessa inédita “guerra de astronautas nos espaços siderais” (GILBERTO GIL, 2017). E anunciou que “a lua foi alcançada afinal”, embora, receara ver, nessa odisseia humana, a inevitável perda da sensibilidade poética, a mesma que interliga a humanidade. Pois, na antevisão do poeta, “talvez não tenha mais luar, pra clarear minha canção”. Esse contraste existente entre a dimensionalidade do desejo de conquista, com o desvirtuamento da motivação desse desejo, permeia o viés criativo do poeta. Traz o olhar do leitor para as suas mais recentes criações. Gil difundiu o poder da rede virtual de transmutar o homem sobre o próprio homem, na multiplicidade de informações comunicacionais circulantes na internet.

É possível perceber que em “Pela Internet”, de 1996 (Gilberto Gil, 2017), Gil propunha a produção de saberes coletivos e compartilhados, afirmando que “eu quero entrar na rede, promover um debate...”. Sendo essa proposta do debate, a característica fundante da internet e da sua cultura mosaico, que é definida por Reyes (2015, p. 1) como sendo o acúmulo de fragmentos do conhecimento, adquiridos por intermédio dos meios de comunicação e que potencializam a construção de conceitos da realidade. Porém, essa idealização de saberes coletivos e compartilhados, nos versos tracejados por Gil, passou a demonstrar uma vertente antagônica ao aprofundamento seletivo e organizado na produção do novel conhecimento, mesmo diante da eficácia comunicativa do ciberespaço. E essa percepção notabilizou a narrativa de “Pela Internet 2”, transformando a sua proposta anterior, de um diálogo tramado na rede em um anseio presente, imediato e fluido, assim dito, “o desejo agora é garimpar nas terras das serras peladas virtuais”.

Gil recriou, em “Pela Internet 2” (Gilberto Gil, 2017), “um barco que veleje”, mas, deu-lhe a autonomia sobre os mares, para que não mais aporte, pois, o mar “agora é terabyte que não acaba mais, por mais que se deseje”. Porto, Oliveira e Alves (2017, p. 118) afirmam que na cultura midiática, o homem investiga e tem a expectativa de contatos imersivos, porém, a realidade demonstra que a maneira de consumir e (re)criar a informação se transformou, pois, é mutável como o próprio desejo. A pluralidade de informações no ciberespaço expõe o usuário ao consumo voraz e ininterrupto de informações. E o faz, inspirado numa superficialidade experiencial que o alimenta, mas, não lhe permite a saciedade da sua cobiça, afinal, são “mil pratos sugestivos num novo menu”.

Com o objetivo de convergir os novos fluxos comunicacionais tramados pela rede, com a formação identitária autônoma do sujeito, sob olhar da poesia interativa de Gilberto Gil, o presente artigo convida o leitor à reflexão sobre a emancipação da subjetividade humana, potencializada na socialização do (ciber)conhecimento, e o seu resgate à própria humanização. Para tanto, buscou a análise das obras de Gilberto Gil dispersas pela rede digital, realizando a pesquisa bibliográfica sobre as produções musicais do Gil. Promoveu-se no texto, um retrospecto temporal linear do pensamento mutante de Gilberto Gil e seu aspecto contributivo para a construção de territórios de subjetividade, por meio da arte.

Dividido em três segmentos, a pesquisa traz na primeira parte, a percepção sobre a criação de ecossistemas de aprendizagens ubíquas no ciberespaço, que provoca significativas mudanças culturais no processo comunicacional, num elo existencial entre o pensamento de Gil e a realidade. Com uma proposta crítico-reflexiva, o segundo bloco discute sobre o papel da arte, como um movimento contemporâneo de formação identitária e autônoma do sujeito mutante, sob a interpretação das obras de Gilberto Gil. E na última parte, o texto discorre sobre a arte e o criticismo que lhe é inerente, como um instrumento de constante (re) construção poética revolucionária, confirmada na atemporalidade dos discursos e narrativas de Gil. O texto pretende ser contributivo para a reflexão a respeito da interdependência entre a arte e a tecnologia digital, na expansão e construção de novos signos. Enfim, a pesquisa é um ingresso ao compartilhamento das composições proféticas do poeta Gilberto Gil sobre a arte do homem, e as conexões fluidas da humanidade, consigo mesmo.

**O Ciberespaço Mutante e “a Vazante da Infomaré”**

As transformações promovidas pela cibercultura proveu a sociedade de um poder (re)criativo mutante, adaptável às novas configurações do andar cotidiano cultural, criando ecossistemas de aprendizagens ubíquas, que possibilitaram o caminhar andarilho entre as vias comunicacionais, tornando-as mais inclusivas e compartilhadas. Gilberto Gil, seguindo o fluxo, na “vazante da infomaré”, em “Pela Internet” (Gilberto Gil, 2017), veleja entre hipertextos e correios eletrônicos, ajuntando-se na multilinearidade cultural da internet. E usa a sua melodia caminhante para convergir o novo e o velho mundo no ciberespaço, encurtando distâncias com a proposta de democratizar o acesso à informação. O poeta e o político se fundem, numa navegação infinita sobre esse novo mar de visibilidade das imperfeições humanas. Porto e Sisan (2014, p. 228) explicam que, esse viés político da personalidade de Gil impregna, positivamente, os seus textos, com aspectos da religião, da ciência, da tecnologia e da arte, sempre num contexto vanguardista.

Em “Pela Internet 2’, o poeta Gil destaca o agigantamento da cultura tecnológica digital, afirmando que “com 5 gigabytes já dava pra fazer um barco que veleje”, e hoje, com “terabytes”, profetiza que a liberdade, de tão liberta, tornou-se uma prisão. E mesmo sem portas e grades, a rede aprisiona o indivíduo, “que nem peixe pescado”. A vazante que conduzia a jangada “aos lares do Nepal”, em “Pela Internet” (GILBERTO GIL, 2017), é a mesma que, agora, sob o transe hipnótico do canto da sereia do consumo, cativa o marinheiro a mover-se continuamente, por entre as redes e suas tramas. Gil viu o homem no super-homem, interligado e cativo, fragmentado e em constante (re)construção, protagonizando o antagonismo de pretender uma autossuficiência libertária, tornando-se dependente dessa hipermobilidade virtual. O homem se reinventa no imaginário plural do ciberespaço e Gil perscrutou, em Cérebro Eletrônico”, de 1960 (GILBERTO GIL, 2017), que o homem tem consciência da sua própria dimensionalidade, afirmando: “eu penso e posso, eu posso decidir se vivo ou morro...”.

Na comentada música “Pela Internet 2”, Gilberto Gil confirma o homem como o centro do universo virtual, pois, os seus desejos são atendidos em cliques instantâneos e o seu poder criador define “cada dia nova invenção”. Enfim, o poeta provoca a discussão, num viés crítico-reflexivo, ao perceber que o conhecimento está em constante mobilidade “na” cibercultura, e não somente “para” a cibercultura. Esse contexto mediador enfoca a relação homem-mídia-homem, num (re) encontro conectivo. Navegar na cibercultura, para Gil, fez despertar no sujeito o desejo primário de conexão, e em “Pela Internet” (GILBERTO GIL, 2017), isso fica claro quando o poeta confirma que “eu quero entrar na rede para contactar”, para estreitar relações com o mundo. E, no entanto, na música “Pela Internet 2”, a ambição do homem passou a ser o de se apropriar da informação, pois, conectar tornou-se “lugar-comum”. Garimpando na rede, há um homem infoprodutivo que busca as riquezas dessas “serras peladas virtuais”. Na atual “sociedade da informação”, quem tem “terabytes” é “tempo Rei”, transformando “tempo e espaço navegando, em todos os sentidos” e aprendizagens (GILBERTO GIL, 2017). Larrosa (2002, p. 19) afirma que a informação se converteu em um imperativo, e não ter bastante informação tornou-se a grande preocupação do homem pós-moderno ainda que, a percepção significativa dessa construção de saberes, sem convergir com a educação formal, repouse na vã sua superficialidade.

O espírito aventureiro e desbravador do homem foi fustigado, materialmente falando, pois, quando os quatro cantos do mundo foram mapeados e georreferenciados, incutiu a necessidade de desbravar o conhecimento híbrido do ciberespaço. Porém, Gil, em “Pela Internet 2” desperta essa essência primitiva do sujeito-usuário da rede, convidando-o à desterritorialização do seu livre-pensar, para (re)descobrir “um CEP que não consta na lista do velho correio de qualquer lugar”. A cibercultura, com suas singularidades, transformou-se na energia propulsora de um estado de fascinação do homem consigo mesmo. O sujeito, no ciberespaço, é emancipado, volátil, fluido e comunicacional, e para Porto e Sisan (2014, p. 232), com o advento das tecnologias da informação, a sociedade passou por um processo de transformação, no qual conceitos e definições (ainda) estão em mutação, mas, dialogam entre si. Em “Pela Internet2”, Gil afirma que o “pensamento é nuvem”, transcendendo o tempo-lugar, sem permitir-se a compartimentação das informações, que se condensam seletivamente, propiciando uma aprendizagem mais significativa.

Enquanto o mundo caminha em direção ao processo de aprendizagem espontâneo e caótico, que na visão de Santaella (2010, p. 19) é atestado pela evolução dos dispositivos móveis, cria-se um cenário de rupturas culturais e de mutações informacionais. E nesse contexto premonitório, Gilberto Gil, na sua canção “Pela Internet 2”, registra a abolição dos limites do tempo e espaço, presença e ausência, pois, “o monge no convento aguarda o advento de Deus pelo iPhone”. Em entrevista, Gilberto Gil (CULTURA DIGITAL, 1989) afirma que as fronteiras que delimitavam o conhecimento humano, sua religião, arte e ciência, estão sendo borradas. Para o poeta, quem está inserido no campo da religião tem que rever os seus valores, assim como a ciência e a arte, todos têm que rever seus valores, pois, ninguém está mais dentro de nada.

Ao despertar o homem viajante, em “Pela Internet”, Gilberto Gil enaltece o encurtamento de distâncias, mas, também, destaca sobre a fragilidade da segurança do mundo virtual, que acolhe, igualmente, a “presa” e o seu “algoz”. E quando cita que “um hacker mafioso acaba de soltar um vírus para atacar os programas no Japão”, Gil confirma que o ciberespaço é democrático, multicultural e iminentemente humano, com suas falhas, temores e virtudes. A imersão na Cibercultura trouxe reflexos no processo educativo, potencializando o uso dos dispositivos móveis para uma educação mediada. E, para Santos, Barbosa e Ribeiro (2017, p. 241), o contato permanente com o mundo, numa ambiência de diversidade, envolve a ecoformação entre o humano e o meio em que vive, numa conformação de experiências formativas. Gil, antecipou essa visão de heteroformação de saberes, no hibridismo cultural fluido do ciberespaço, preconizando a autonomia da mobilidade do sujeito, e é enfático ao afirmar em “Pela Internet 2”, que “o movimento é drone”. Para Mota, Porto e Porto (2018, p. 40), esse movimento está ligado ao poder de comandar-se sobre todas as coisas não-humanas, que se reinventa no imaginário, na diversidade e cognição experiencial. E nas palavras de Porto, Oliveira e Alves (2017, p. 116), o conhecimento é construído interativamente entre o sujeito e o objeto, de forma simbiótica e comunicacional.

A poesia musicada de Gil, em “Pela Internet 2” é a contextualização da arte e linguagem interativas, que transitam livres entre as gerações digitais, no contexto semiológico da Cibercultura, como a forma mais densa e mais leve da comunicação humana. O texto evidência sobre a importância da arte conectiva do discurso atemporal de Gilberto Gil que, preserva, no fluxo comunicacional da sua música, a interativa humana e o seu poder de (re)transformar o mundo, num clique, num desejo ou num lampejo de inspirações. Gil desvela a compatibilidade entre o bem e o mal na Cibercultura, que faz o homem apreender o conhecimento híbrido, disperso nas infovias e, ao mesmo tempo, o liberta para a (re)construção de saberes significativos. O mundo, suas dores e amores, na Cibercultura, passa a ter a visibilidade latente, que tornou protagonista o emissor-receptor da informação, lançando no ciberespaço, pensamentos raros ou comuns em narrativas digitais. E que no olhar pretérito de Gilberto Gil, ao compor a melodia “Japão” (1989), foi condensado num desejo de ter “um microcomputador barroco que seja louco e desprograme a dor”. Essa dor passou de latente a visível, assim como o desejo de transformar-se.

**“Se é Música o Desejo”, o Conhecimento Pós-Humano é Arte**

O homem na Cibercultura despertou-se para si, desaguçando o seu altruísmo, fomentando a própria autonomia, pois, na percepção de Gil, em “Pela Internet 2”, o “desejo agora é garimpar”, é “o desejo a se considerar” como elemento de motivação pessoal para a construção libertária da(s) sua(s) identidade(s). O desejo aliado à vontade da experimentação, oportunizada pela diversidade de aplicativos “que eu não sei mais não”, é visto em “Pela Internet 2” como consequência de um mercado infoprodutivo que proporciona o consumo imediato, presente. Se é arte que se deseja, “se é música o desejo a se considerar, é só clicar que a loja digital já tem”, predisse Gil na sua canção “Pela Internet 2”. E o poeta foi assertivo ao compreender essa nova contextualização da manifestação da arte e da linguagem. Em entrevista concedida (CULTURA DIGITAL, 1989), Gil se manifestou afirmando que um impacto digital mais efetivo no campo da música, e das atividades culturais na sociedade, estaria à dependência da questão da remuneração do produto e da configuração do bem cultural, do serviço cultural.

A confirmação de que a tecnologia digital vem como uma consequência natural da extensão do poder criativo do próprio homem, é aceita por Gilberto Gil (CULTURA DIGITAL, 1989). E o poeta explica o fato de que, o sistema ainda vive da possibilidade de remunerar e de ser remunerado, sendo essa dupla função a justificativa do próprio capital. A arte é interativa e Gil profetizou sobre o fato de que a essência da arte e da cultura estaria no próprio trabalho humano. Pois, são frutos da essência humana e, independentemente da desterritorialização dos espaços de subjetividade, a arte foi e será sempre, resistência. Na letra da poesia “Cultura e Civilização”, de 1969 (GILBERTO GIL, 2017), Gil compila o seu pensamento ao afirmar que “a cultura, a civilização, elas que se danem, ou não”. E reafirma a essencialidade humana na arte, quando conclui que “contanto que me deixem ficar na minha, contanto que me deixem ficar com minha vida na mão”, pois, sua vida é a sua arte. A Cibercultura cria novos significados no processo comunicacional da sociedade e a arte transita nas infovias do presente, travestindo passado e futuro, num encontro interativo e potente.

É inevitável estar “preso na rede”, e Gil afirma que “é tudo muito bem bolado”, pois, em matéria de arte conectada, “tem de A a Z, quem você possa imaginar” (PELA INTERNET 2). Confirma o compositor que a arte é infinda, assim como a sua intermediação digital, que “é o melhor meio de você chegar”. Paz e Junqueira (2016, p. 51) afirmam que a Cibercultura possibilitou a definição de um novo fazer na arte, pois, permite a co-presença e a interação (re) combinadas. Em 1976, Gilberto Gil compôs “Queremos saber” (GILBERTO GIL, 2017), e questionou sobre o conhecimento pós-humano, cantando “queremos saber o que vão fazer com as novas invenções”.

E o poeta preanunciou o empoderamento humano, alastrado em tempos de tecnologias digitais, quando predisse “sobre a descoberta da antimatéria e suas implicações na emancipação do homem”. Gil dispôs sua criatividade premonitória no texto da canção “Queremos saber”, de 1976 (GILBERTO GIL, 2017), ao querer saber sobre o “mistério da luz, luz do disco-voador, pra iluminação do homem”. Essas linhas de luz que formam infovias, já cabiam no imaginário criativo da arte musicada do profeta Gil. E de forma contundente, Gilberto Gil deixa explícito em “Queremos saber”, que o homem buscaria a extensão do seu conhecimento nas tecnologias insurgentes, confirmando que “confiantes no futuro, por isso se faz necessário prever qual o itinerário da ilusão, a ilusão do poder”.

O poeta e compositor, Gilberto Gil, em 1976, buscou respostas para tentar compreender a extensão do conhecimento humano, como se desejasse premeditar os anseios da humanidade no imaginário sideral. Sem imaginar que essa mesma sociedade estaria conectada, três décadas à frente da sua profecia cantante. E, na canção “Queremos saber”, Gil questionou: “pois se foi permitido ao homem tantas coisas conhecer, é melhor que todos saibam o que pode acontecer”, e hoje, a informação é explicita. Em “Pela Internet” (1996), o poeta chamou a atenção sobre os hackers e suas possíveis más intenções perpetradas na rede, e na música “Pela Internet 2”(2018), ali, Gil exacerba sobre as intenções mais egoísticas do ser humano, que já não planeja somente conectar-se, mas, tenciona expor os seus desejos de visibilidade e rapidez. Essas duas características estão registradas na obra de Calvino (2015), que anunciou seis propostas para o milênio, incluindo-se nesse rol, a *rapidez*, partindo-se do raciocínio instantâneo, privilegiando as formas breves. E quanto à visibilidade, Calvino (2015, p. 110) temia que o ser humano perdesse a sua capacidade de pensar por imagens, e se distanciasse da pedagogia da imaginação. O homem mutante, em tempos de Cibercultura, traz na sua essência a arte mestiça, o conhecimento ubíquo e a construção informacional que superam as expectativas criadas pela revolução industrial, pois, de forma impactante e plural, a cultura digital condensa fato e ficção num mesmo espaço.

O conhecimento livre estava no pensamento atemporal de Gil, que em 1971, na música “Cibernética” (GILBERTO GIL, 2017), escreveu sobre a condição temporal do surgimento da cibernética, que estaria à dependência de “quando a ciência estiver livre do poder”. Partindo da proposta da inclusão digital, o então ministro da cultura, Gilberto Gil (2003), defendeu o software livre como instrumento de inclusão massiva de pessoas, pois, para ele a cultura deve ser tornar livre e compartilhável. A criação de ecossistemas digitais, tanto para o processo de ensino-aprendizagem, quanto para a difusão da arte contemporânea, tem possibilitado o acesso e a interação dinâmica entre educação, arte e sujeito emissor-receptor.

O poder da comunicação artística nas redes digitais, e que está fora do mercado oficial, vem possibilitando, de acordo com Lévy (1999, p. 149), a criação de possibilidades a partir da interconexão, permitindo à obra a inserção coletiva, por meio da Cibercultura. Esse rompimento de barreiras está presente no olhar do poeta Gil, em “Cérebro Eletrônico”, na década de 1960, que, segundo Mota, Porto e Porto (2018, p. 25), já percebia o processo de mobilidade cultural numa proposta de intercâmbios de experiências interativas, através da música, como um elemento movente do pensamento humano. Portanto, a arte revoluciona e acompanha a humanidade mutante, (re) criando diálogos, imagens, narrativas e informações nesse multiculturalismo da “onda luminosa” (POLICAMARÁ, 1991).

Ao contextualizar o desejo humano de expansão do conhecimento, Gilberto Gil cantou “Expresso 2222”, de 1971 (GILBERTO GIL, 2017), projetando a transformação do milênio, percorrendo a estrada do tempo como quem ultrapassa o paralelo entre mundos. Gil escreveu: “até onde essa estrada do tempo vai dar, do tempo vai dar”, predizendo o infinito entre caminhos e estradas, e afirmou que “segundo quem já andou no Expresso, lá pelo ano 2000 fica a tal estação final do percurso-vida”, compatibilizando tempo e espaço afora. O trilho do “Expresso 2222”, segundo Gil, “é feito um brilho que não tem fim”. Assim como os trilhos do “Expresso 2222”, o conhecimento humano no ciberespaço navega pelas infovias, ao encontro do infinito brilho, nesse percurso-vida.

**“Novos” Capitais e as Reflexões Poéticas da Arte Crítica**

Um novo modelo de economia surge no cenário das tecnologias digitais e trouxe consigo um padrão de sociedade “sem dinheiro”. Essa nova economia digital delineia um estado econômico em que, quase todas as transações financeiras são geridas por meio da transferência de informações digitais, inclusive com o uso de moedas ou cartões de crédito digitais. E Gilberto Gil, em “Pela Internet 2”(2018) atenta para essas mudanças, aludindo ao fato de que “o desejo agora é garimpar nas terras das serras peladas virtuais, as criptomoedas, bitcoins e tais”. O poeta chama a atenção para os chamados “novos capitais”, que elevam o conceito do capitalismo à satisfação de um desejo em um “clique”.

Para Berardi (2005, p. 30), uma nova tecnologia de produção, a tecnologia digital, propõe a aspiração da autorrealização, como um suporte para a reconstrução de um modelo social eficaz. A satisfação humana, vívida na rede digital, está conectada ao desejo de felicidade e, para Gil, na canção “Pela Internet 2”, o desejo está para além da conexão, e transformou-se no ato de “garimpar” os frutos dessa *new economy*. Berardi (2005, p. 33), explica que o desejo estava fora do capital, na era do trabalho industrial, porém, em tempos de cibercultura, o desejo incita a energia psíquica, ideológica e econômica do sujeito à autorrealização. Para Larrosa (2002, p. 27), o conhecimento é, essencialmente, a ciência e a tecnologia e, em tempos de Cibercultura, se transformou em mercadoria e, estritamente, em dinheiro.

Num contexto musicado da arte e da renovação crítica da valorização do homem e do seu trabalho, Gil compôs “Um sonho”, de 1992, onde “argumentava em favor de mais trabalho, mais emprego, mais esforço, mais controle, mais-valia”, como quem sonhava a realidade num pesadelo. A música, numa reflexão poética de resistência, antagonizava a “pujança econômica baseada na tônica da tecnologia”, invertendo os “efeitos da teoria, principalmente, a do lazer, do descanso e da ampliação do espaço cultural da poesia” para torna-los maléficos. Gilberto Gil quis, nessa crítica desfavorável, chamada de “Um sonho”, informar sobre os possíveis efeitos alienantes do comportamento humano em rede. Um comportamento que desconecta o sujeito da sua percepção cognitiva experiencial, totalmente consumida pelo excesso de tempo produtivo dedicado a autorrealização, à busca da felicidade.

A autonomia ideológica baseada no poder do infomercado, para Berardi (2005, p. 57), submeteu o tempo de vida social à prevalência do capitalismo agressivo que mantem o sujeito, escravo do seu próprio tempo. Para Gil, em “Pela Internet2”, o desejo é inspirado e dependente, pois, “cada dia nova invenção” e “é tudo muito bem bolado”. Comparando o contexto das músicas “Pela Internet” e “Pela Internet 2”, para Mota, Porto e Porto (2018, p. 29), Gil, num lapso temporal de 21 anos, que separa as referidas obras, demonstra o desejo de liberdade para uma conexão por tempo indefinido em “Pela Internet”. Conexão esta, que se torna uma prisão e o enclausura “que nem peixe pescado”, na música “Pela Internet 2”. Novamente, a arte musicada do poeta Gil pontua o multiculturalismo do ciberespaço como um elemento de reflexão crítica, pois, a própria liberdade em rede pode ser alienante. Gilberto Gil traz na sua bagagem de vida, o espírito combativo da crítica sobre a alienação, e Motta (2000) faz um registro de Gil, que em 1967, juntamente com Edu Lobo, Vandré e Nara Leão, intitulados como nacionalistas acústicos, formaram uma “Frente Única da Música Popular Brasileira”, contrária ao movimento “Jovem Guarda”, que era considerado por eles como sendo “música jovem” alienante.

Com a canção “Aquele abraço”, de 1969 (Gilberto Gil, 2017), Gil aponta sobre a necessária autonomia do indivíduo, citando que “meu caminho pelo mundo eu mesmo traço”, e afirmando que “quem sabe de mim sou eu”. Nessa autonomia, rebelada nas suas composições poéticas, Gilberto Gil materializa a sua música como um território de resistência, a todo e qualquer processo alienante de comunicação. E traça diálogos atemporais sobre a extensão do conhecimento humano, que percorre os infindáveis trilhos do “Expresso 2222”, capta o tempo existencial em “Parabolicamará”, tomando para si os espaços criativos em “Pela Internet”, pontuando a inclusão digital em “Banda Larga Cordel”, até alcançar a visão multidimensional dos processos comunicacionais em “Pela Internet 2”. Na sua poesia, Gil quebrou barreiras socioculturais em favor da liberdade de expressão, da igualdade, da contrariedade ao racismo, que, inclusive, rendeu a canção “A mão da limpeza”, de 2012 (GILBERTO GIL, 2017). Nessa obra, Gil entoa um grito de libertação, numa ode crítica contra o racismo do cotidiano, afirmando que “mesmo depois de abolida a escravidão, negra é a mão de quem faz a limpeza”.

A diversidade cultural proporcionada pelas tecnologias digitais foi ponto de observação, do então ministro da cultura, Gilberto Gil, em entrevista concedida no ano de 2007. Nessa entrevista o poeta afirma que é preciso zelar para que novos capitais venham financiar nossa diversidade cultural e não apenas aumentar os conteúdos de língua estrangeira no Brasil (INTERVOZES, 2007). De forma combativa, Gilberto Gil, quando ministro da cultura, se manifestou contrário às “travas tecnológicas” que impediam o acesso irrestrito à produção de cópias do conteúdo musical em rede. Em 1979, Gilberto Gil, compõe uma versão para "No woman, no cry" (GILBERTO GIL, 2017), de Bob Marley, e adota uma postura crítica contra o regime militar à época, e ao cerceamento da liberdade de expressão. O desejo de Gil de retratar o desejo do homem, em “Pela Internet 2”, está configurado na cobiça de quem já possuía 5 gigabytes[[3]](#footnote-3), suficientes para navegar na rede, mas, o desejo por terabytes[[4]](#footnote-4) “não acaba mais por mais que se deseje”. Gil vê no homem pós-moderno a gana do desejo que media uma liberdade dependente e um sentimento de flexibilidade, que é tratado por Berardi (2005, p. 56) como algo que deixou de ser uma possibilidade de libertação.

A proposta de entrar na rede, que na canção “Pela Internet” (1996), é sintetizada pelo desejo de “entrar na rede, promover um debate, juntar via Internet, um grupo de tietes”, faz transparecer a leveza da ingenuidade humana para uma experiência cognitiva. Porém, a sociedade mutante na Cibercultura, expõe o homem, homem. E, na sua autonomia assistemática e não-hierárquica, que prevalece na comunicação em rede, o sujeito presume-se independente e com o comando voluntário e direto sobre a sua atividade produtiva (BERARDI, 2005). Na cibercultura, o domínio do capital passa a ser indelével, sobrepujando o tempo do ócio do indivíduo.

No presente, o pensamento criativo do homem está comprometido com o seu tempo produtivo, e segundo Gil, na sua canção “Tempo rei”, de 1984 (GILBERTO GIL, 2017), esse “pensamento, mesmo fundamento singular do ser humano, de um momento para o outro, poderá não mais fundar nem gregos nem baianos”. O pensamento poderá padecer alienado, imóvel ante à mobilidade mutante do ciberespaço, perdendo-se no percurso da sua própria existência. Para Berardi (2005, p. 75), a internet não é apenas um instrumento de comunicação, mas, é também objeto de um processo de colonização econômica, que é determinante para as mudanças nas interfaces comunicativas. Cabe à arte o criticismo, a construção poética revolucionária, que não depende da tecnologia, senão a que lhe for disponibilizada, ou aquela que possa ser (re) criada a partir de um desejo, que é sempre meio, “o melhor meio de você chegar”.

**Pontos Conclusivos**

Os espaços comunicacionais criados pelas tecnologias digitais empreenderam uma mudança de comportamento da sociedade, jamais vista, pois, desde a Revolução Industrial não havia registros de impactos tão profundos na produção-recepção da informação. É possível afirmar que a Cibercultura promoveu mudanças ainda mais significativas do que aquelas registradas pela transformação do processo de produção industrializado. Porquanto, para isso, contou com a potencialização dos seus efeitos a partir do movimento globalizado de influência na construção do conhecimento cultural híbrido. E nesse cenário de alterações sociais, políticas e econômicas, a arte possibilitou o olhar, o tato e a audição significativos, resultantes do criticismo inerente à formação cognitiva humana. Num contexto de reflexões poéticas atemporais, Gilberto Gil vem traçando sua contribuição interativa para o processo de formação dessa sociedade mutante. O compositor, poeta, músico e o ser político, Gil, estabeleceu um marco continuativo na criação do conhecimento compartilhado, ao produzir obras que avançam no tempo para se tornarem-se presentes e, cronologicamente, fincadas na realidade incansável de um imaginário futurista.

No presente texto, as músicas de Gilberto Gil, criadas nos últimos cinquenta anos, perfilam pensamentos premonitórios que fazem dialogar passado e futuro, sempre em tempo imediato. A canção “Pela Internet 2” (2018), é uma das obras do artista trabalhadas no artigo, buscando provocar a reflexão sobre o ciberespaço mutante, que recria o ser humano pós-humano, a partir do desejo, cobiçoso e ingênuo, que atua como instrumento de autorrealização. Com a Cibercultura, o ser infoprodutivo percebe-se, ideologicamente independente, e dá azo a uma nova conjuntura econômica, baseada num processo de flexibilidade e autonomia. Porém, é traçada no artigo, a reprodução do atual cenário de predominante dependência do sujeito à ideologia de uma economia digital, que suga e ultrapassa os limites da parcela de tempo produtivo do sujeito.

Ao dialogar com outras obras de Gilberto Gil, o texto evidencia a convergência dos novos fluxos comunicacionais, perfilados nas infovias do ciberespaço, com a experiência individual do sujeito e o seu poder interativo de construção do conhecimento e de produção da arte. Numa proposta de reflexão, o trabalho buscou identificar, na propensão do desejo humano em tempos de tecnologia digital, os aspectos de emancipação cognitiva do sujeito, frente à mobilidade do multiculturalismo social em rede, a partir da sua capacidade crítica. Com o olhar sobre as obras poéticas de Gilberto Gil, buscou-se evidenciar as possíveis respostas para tentar compreender a extensão do conhecimento humano, num lapso temporal descrito pelas músicas de Gil, pois, sua música visionária compreende o homem, homem, como se desejasse premeditar os anseios da própria humanidade.

A arte, como expressão da pureza criativa do sujeito, desterritorializada e híbrida, vem sendo contributiva para o compartilhamento formacional de uma linguagem de resistência e de empoderamento cultural. E em Gilberto Gil, a liberdade de pensamento é metaforizada em trechos e versos de uma mesma sequência interpretativa da realidade cultural do homem, nas últimas cinco décadas.

A contribuição de Gil para a ampliação dos significados, superdimensionados na cultura luminosa do ciberespaço, incute a necessidade de revisitação constante das suas narrativas. O músico aboliu os limites do tempo existencial, com um inegável contexto pedagógico e científico, acompanhando a proposta de globalização do conhecimento. E tornou enfática a sua pretérita compreensão de que a música é um elemento comunicacional que potencializa a criação de fluxos e conexões significativos na formação identitária do indivíduo. A proposta de Gilberto Gil em conectar-se com o mundo por intermédio da poesia, e de expandir os seus desejos de navegar na rede digital, onde os limites do tempo-espaço são indefinidos numa multiplicação de possibilidades, é uma convocação para a produção de saberes compartilhados.

A aprendizagem ubíqua em rede confirma que, no comportamento dessa geração digital, a imersão no espaço cibernético é um caminho sem volta e sem destino preestabelecido, pois, a cada conexão o encontro é sempre consigo mesmo. E nas palavras reflexivas das composições de Gilberto Gil, o desejo é movente, e a arte de mover-se é mutante e necessária, assim como o tempo para o advento do homem.

**Referências**

AGÊNCIA SENADO. Gilberto Gil: novas tecnologias trazem mais diversidade cultural. Intervozes. Agosto. 2007. Disponível em: <http://www.intervozes.org.br/direitoacomunicacao/?p=19064>. Acesso em: 27 out. 2018.

BERARDI, Franco (Bifo). **A fábrica da infelicidade**: trabalho cognitivo e crise da *new economy*. Coleção: Espaços do desenvolvimento. COCCO, Giuseppe (coor). Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio:** lições americanas. BARROSO, Ivo (trad). São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

GILBERTO GIL. Músicas e Discografias. Aquele Abraço. 1969. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec\_musica\_2017.php>. Acesso em: 4 out. 2018.

GILBERTO GIL. Cultura Digital. 1989. Disponível em: <http://www.gilbertogil.com.br/sec\_texto.php?id=199&page=2&id\_type=4>. Acesso em: 27 out. 2018

GILBERTO GIL defende software livre. Agosto. 2003. Disponível em: <https://br-linux.org/noticias/000807.html>. Acesso em: 27 out.2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. GERALDI, João Wanderley (trad). **Revista Brasileira de Educação**. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 1 out. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa.São Paulo: Editora 34, 1999.

MOTA, Marlton Fontes. PORTO, Cristiane de Magalhães; PORTO, Ingrid de Magalhães. “Antes mundo era pequeno, porque terra era grande”: a antevisão da interatividade digital dos mundos na poesia atemporal de Gilberto Gil, e o seu encontro com a Educação. In. PORTO, Cristiane; ALVES, André Luiz; MOTA, Marlton Fontes. (Org). **EDUCIBER**: diálogos ubíquos para além da tela e da rede. Aracaju: Edunit, 2018.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais**: solos, improvisos e memórias musicais. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda. 2000.

PAZ, Tatiana; JUNQUEIRA, Eduardo S. Ativismo e dispositivos móveis em rede. In. COUTO, Edvaldo; PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa. (Org). **App-Learning:** experiências de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2016.

PORTO, Cristiane SISAN, Claudia. Pela Internet: Gilberto Gil e a metáfora da ciência, tecnologia e educação. In: Simone Lucena. (Org.). **Cultura digital, jogos eletrônicos e educação**. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - Edufba, 2014.

PORTO, Cristiane Magalhães de; OLIVEIRA, Kaio Eduardo de Jesus; ALVES, Luiz Alves. Expansão e reconfigurações das práticas de leitura e escrita por meio do WhatsApp. In. PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (Org). **Whatsapp e Educação:** entre mensagens, imagens e sons, Salvador: EDUFBA, 2017.

REYES, Leydi. **Cultura Mosaico**. Prezi. 2015. Disponível em: <https://prezi.com/dhtitx7c8zs4/cultura-mosaico/>. Acesso em: 4 out. 2018.

SANTAELLA, Lúcia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia**. v. 2. n. 1 (2010). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/view/3852/2515>. Acesso em: 29 set. 2018

SANTOS, Edméa. BARBOSA, Alexsandra. RIBEIRO, Mayra. Expansão e reconfigurações das práticas de leitura e escrita por meio do WhatsApp. In. PORTO, Cristiane; OLIVEIRA, Kaio Eduardo; CHAGAS, Alexandre (Org). **WhatsApp e Educação**: entre mensagens, imagens e sons, Salvador: EDUFBA, 2017.

SIGNIFICADO DE GIGABYTE. Disponível em: <https://www.significados.com.br/gigabyte/>. Acesso em: 28 out. 2018

SIGNIFICADO DE TERABYTE. Disponível em: <https://www.significados.com.br/?s=terabyte/>. Acesso em: 28 out. 2018

1. Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes. Especialização em Direito Processual Civil. Professor do Curso de Direito da Universidade Tiradentes. Aluno Especial do Doutorado em Educação-UNIT/SE. E-mail: marltonmota@hotmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Doutora Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – UFBA. Mestrado em Letras e Linguística – UFBA. Bolsista de Produtividade em Pesquisa Nível 2 e faz parte do Comitê Assessor de Divulgação Científica - CNPq. Atualmente, é pesquisadora colaboradora do Instituto de Tecnologia e Pesquisa. É professora da categoria Professor Pleno da Pós-Graduação – PPPG - da Universidade Tiradentes – Unit, atuando como docente do Mestrado em Educação. Líder e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Educação, Tecnologia da Informação e Cibercultura (GETIC/CNPq). E-mail: crismporto@gmail.com [↑](#footnote-ref-2)
3. Gigabyte é uma unidade de medida de informação que equivale a 1 000 000 000 bytes ou 109 bytes e dependendo do contexto, pode representar 230 = 1 073 741 824 bytes ou 1024 megabytes (Mb). Disponível em: <https://www.significados.com.br/gigabyte/>. Acesso em: 28 out. 2018 [↑](#footnote-ref-3)
4. Terabyte (lê-se terabaite) é o nome que caracteriza a unidade de medida utilizada para armazenamento de dados na área da informática, equivalente a 1.024 Gigabytes. Ele é representado pela sigla 1TB. Disponível em: <https://www.significados.com.br/terabyte/>. Acesso em: 28 out. 2018 [↑](#footnote-ref-4)